

LÍNGUA PORTUGUESA

Texto I



Tabuleiro popular

Na Vila Conceição, um dos bairros mais pobres de São Paulo, não há quem não saiba jogar xadrez

Garotos da periferia de São Paulo estão quebrando o estigma de que xadrez é jogo somente para ricos ou intelectuais. Na Vila Conceição, extremo leste e uma das regiões mais pobres da capital paulista, quase todos os jovens da comunidade movem as peças do tabuleiro com maestria. Tudo começou há menos de três anos, com os monitores de um centro de informática do Acesa São Paulo, programa de inclusão digital do governo do Estado, instalado dentro da associação do bairro.

O acesso aos computadores despertou a curiosidade da comunidade, sedenta por inclusão digital. Todos queriam utilizar os equipamentos, navegar na internet, montar currículos. Mas com o uso limitado das máquinas — cada pessoa tem direito a apenas 30 minutos — as filas ficavam cada vez maiores e mais gente se aglomerava nas portas da associação. Ao lado da fila, os monitores jogavam xadrez. "O pessoal via a gente jogando e perguntava como podia aprender", conta a monitora Érica Regina Alves, de 21 anos. "Daí, a gente pensou em começar a ensinar xadrez para o pessoal da fila. Assim, eles podiam se distrair enquanto esperavam", diz Érica. O jogo pegou. Do grupo de jovens, já saíram dois campeões municipais e medalhistas em disputas regionais entre escolas e clubes.

(Época, 13 de dezembro, 2004)

01 Por que os garotos da periferia de São Paulo estão quebrando o estigma de que xadrez é jogo somente para ricos e intelectuais?

- (A) Porque eles estão sedentos por inclusão digital.
- (B) Porque eles não têm outra opção de lazer.
- (C) Porque, dos jovens pobres da Vila Conceição, já saíram dois campeões municipais e medalhistas, em disputas regionais.
- (D) Porque o jogo é um passatempo para quem está na fila, esperando para navegar na Internet.

(E) Porque jogar xadrez pode ajudar a entender melhor o uso do computador.

02 Sobre o texto só **não** é correto afirmar que:

- (A) é um texto jornalístico, informando um fato da realidade.
- (B) tem como função de linguagem predominante a referencial.
- (C) predomina a linguagem denotativa por ser um texto não literário.
- (D) predomina a função poética da linguagem por ser um texto poético.
- (E) é um texto em prosa — narrativo.

Texto II

COMUNICAÇÃO

“É importante saber o nome das coisas. Ou, pelo menos, saber comunicar o que você quer. Imagine-se entrando numa loja para comprar um... um... como é mesmo o nome?”

‘Posso ajudá-lo, cavalheiro?’

‘Pode. Eu quero um daqueles, daqueles...’

‘Pois não?’

‘Um... como é mesmo o nome?’

‘Sim?’

‘Pomba! Um... um... Que cabeça a minha. A palavra me escapou por completo. É uma coisa simples, conhecidíssima.’

‘Sim, senhor.’

‘O senhor vai dar risada quando souber.’

‘Sim senhor.’

[...]”

*(VERÍSSIMO, Luis Fernando. Zoeira.
Porto Alegre: L & PM, 1987.)*

03 Sobre o título do texto, podemos afirmar que:

- (A) é incoerente.
- (B) é irônico.
- (C) é apelativo.
- (D) expressa a realidade.
- (E) é conotativo.

04 A função de linguagem predominante no texto é:

- (A) referencial.
- (B) metalingüística.
- (C) fática.
- (D) conativa.
- (E) emotiva.

Texto III

CORTESIA DA CASA DO AZEITE DE PORTUGAL E DO CONTEXTO PROPAGANDA-SÃO PAULO/1
FOTOGRAFO DO PRATO: PAULO BRAGA/CROMO DO AZEITE; KEVSTOCK MULTIMÍDIAS



*Valorize suas receitas.
Capriche no português.*

Para deturpar suas receitas muito mais gostosa, o segredo é simples: adicione a pureza e a tradição do azeite português. De sabor incomparável, o azeite de última extração de Portugal conquistou o Espírito Santo antes que os portugueses cruzassem o oceano e pousassem pela primeira vez em terras brasileiras. Agora, chegou a sua vez de descobrir todos os encantos deste nobre português.



Vip Exame. n. 2. ed. 178. Ano 19. Fev. 2000.

Uma das características do texto publicitário é a linguagem conotativa, gerando um duplo sentido.

05 “Capriche no Português.”

A figura de linguagem presente na frase é:

- (A) metonímia.
- (B) metáfora.
- (C) comparação.
- (D) pleonasma.
- (E) eufemismo.

Texto IV

ATÉ O FIM

“Quando nasci veio um anjo safado
O chato dum querubim
E decretou que eu tava predestinado
A ser errado assim
Já de saída a minha estrada entortou
Mas vou até o fim.”

(Chico Buarque)

Texto V

POEMA DE SETE FACES

“Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida.”

(Carlos Drummond de Andrade)

06 Os dois poemas (texto IV e V) estabelecem uma intertextualidade. O anjo é um elemento comum aos dois textos. Em ambos, ele é tratado de forma:

- (A) convencional.
- (B) religiosa.
- (C) afetiva.
- (D) agressiva
- (E) anticonvencional.

07 Os dois textos apresentam o mesmo tema. Esse é:

- (A) a anúncio do anjo torto.
- (B) o sentimento de marginalidade do sujeito poético diante do mundo.
- (C) o nascimento do sujeito poético.
- (D) a abordagem irônica do anjo.
- (E) a revolta do sujeito poético por seu destino.

Texto VI

MAIS UMA VEZ O MUNDO SE CURVA...

Uma pesquisa sobre ajuda ao próximo em diferentes cidades do mundo dá o título de campeão ao Rio de Janeiro

Roberto Pompeu de Toledo

O leitor está cansado de más notícias? Quer uma boa? Lá vai: somos gentis. Os brasileiros, ou, pelo menos, entre os brasileiros, aqueles que nasceram ou vivem na cidade do Rio de Janeiro, podem se vangloriar de ostentar, com chancela acadêmica, o título de campeões mundiais de gentileza. Um estudo de pesquisadores americanos sobre o comportamento das pessoas na rua, em face de alguém precisando de ajuda, em 23 cidades de 23 países diferentes, deu Rio de Janeiro na cabeça. O estudo, levado a cabo por Robert V. Levine e Karen Philbrick, ambos da Universidade Estadual da Califórnia, e Ara Norenzayan, da Universidade de Michigan, e cujo resultado já havia sido adiantado em nota da seção Internacional desta revista (edição de 23/5/2001), foi engenhoso e minucioso.

O que se testou, em experiências realizadas entre 1992 e 1997, foi o comportamento dos transeuntes diante de três situações: um cego que tenta atravessar a rua; alguém com um problema na perna, mancando fortemente, que deixa cair uma pilha de revistas e não consegue levantá-la; e alguém que inadvertidamente deixa cair uma caneta do bolso. Tais situações foram encenadas com alto grau de verossimilhança pelos voluntários encarregados do trabalho de campo. Para fazer o papel do cego, por exemplo, com bengala e óculos escuros, receberam treinamento de um centro especializado em ajuda aos deficientes visuais. Tinham de parar numa esquina e esperar que alguém os ajudasse. No teste da queda da caneta, o voluntário era instruído para caminhar a um passo moderado, em direção a um pedestre solitário que viesse em sentido contrário. Quando a uma distância de 4 ou 5 metros, e seguro de que o outro não poderia deixar de notá-lo, mexeria no bolso, deixaria cair a caneta e continuaria em frente.

Os cariocas passaram brilhantemente pelo triplo teste. Em 93% dos casos, tiveram reação positiva: ajudaram o cego a atravessar a rua, o homem com problema na perna a recolher as revistas, e alertaram o que tinha perdido a caneta do ocorrido. Em último lugar ficou Kuala Lumpur, capital da Malásia, com apenas 40% de reações positivas. Nova York fez jus à fama de abrigar gente impaciente e mal-educada, e ficou em penúltimo lugar, com 45%. Roma foi melhor, mas também não se mostrou grande coisa: 63% de reações positivas, e um medíocre 16º lugar entre as 23 cidades. A vice-campeã da gentileza, logo abaixo do Rio de Janeiro, foi San José da Costa Rica, com 91%, seguida de Lilongüe (86%) e Calcutá, na Índia (83%).

Se o leitor está sentindo um cheiro de Terceiro Mundo no ar, quer dizer, desconfia que gentileza é coisa de país pobre, não deixa de ter razão. Esta é uma das conclusões da pesquisa. Mas ela se enfraquece quando se tem em conta o pelotão que vem logo a seguir, depois das quatro primeiras colocadas: Viena, com 81% de reações positivas, Madri, com 79%, e Copenhague, com 78%. Todas capitais de países desenvolvidos. (...) Em todo caso,

há uma maior concentração de cidades de países pobres nas primeiras posições, e uma maior concentração de ricos nas últimas, o que permite enunciar a lei seguinte, na verdade já suspeitada pelo senso comum: a gentileza caminha em proporção inversa à prosperidade.

Já se adivinha, da parte de quem lê estas linhas, um muxoxo de descrença. Que diabo de boa notícia é essa, se apenas veio confirmar que somos pobres e, como tais, gentis? Um mais desabusado acrescentaria: “Quero ver se a pesquisa fosse não com uma caneta, mas com uma nota de 100 dólares caindo do bolso...” Mas já não bastam a corrupção, o escândalo no Senado e a crise de energia? Querem incluir também esta no rol das notícias ruins? Tenhamos em conta que estavam representadas na mostra cidades de países bem mais pobres que, se houvesse para valer uma lei do quanto-mais-pobre-mais-gentil, ganhariam do Rio — e não ganharam. Festejemos. Brasileiro gosta de ser gentil e simpático. E prestativo, como talvez seja mais o caso, na pesquisa em questão. Que mal há nisso? Se além dos assaltos, da violência, da sujeira e da bagunça nas ruas ainda fosse carrancudo e mal-educado, seria pior.

(Veja, 30 de maio, 2001)

☒ Ao interpretar um texto, o leitor tem que ser cauteloso: sua interpretação não pode extrapolar, restringir ou contradizer o escrito. Tal cautela, entretanto, não deve inibir o "conhecimento de mundo". O indivíduo tem que servir-se dele para perceber os implícitos, os subentendidos, conteúdos das entrelinhas, sem os quais uma interpretação não é eficiente.

Releia: "*O leitor está cansado de más notícias? Quer uma boa? Lá vai: somos gentis.*"

A partir dessas frases que principiam o texto I, pode-se subentender alusão à seguinte realidade social:

- (A) Os leitores, hoje em dia, só se interessam por más notícias.
- (B) O noticiário reflete a situação atual, no Rio de Janeiro, onde a maioria dos fatos relevantes enche o povo de descrença.
- (C) A nossa imprensa manipula as notícias, mostrando o que há de ruim, escondendo o que há de bom.
- (D) Notícias más cansam os leitores, os quais também querem entretenimento, ainda que isso represente fuga da realidade.
- (E) Ninguém é de ferro. Uma notícia boa de vez em quando cai bem.

☒ A leitura atenta do primeiro parágrafo permite-nos afirmar que, segundo o autor:

- (A) é habitual a imprensa passar ao leitor boas notícias.
- (B) o Rio foi uma das cidades mais bem colocadas na pesquisa de solidariedade realizada por americanos.
- (C) o Rio de Janeiro foi a única cidade brasileira incluída na pesquisa dos americanos.
- (D) Robert V. Levine e Karen Philbrick não participaram do estágio inicial da pesquisa.
- (E) Robert V. Levine e Karen Philbrick são os pesquisadores que levaram a cabo a pesquisa americana.

10 "Um estudo de pesquisadores americanos sobre o comportamento das pessoas na rua, em face de alguém precisando de ajuda, em 23 cidades de 23 países diferentes, deu Rio de Janeiro na cabeça. O estudo, levado a cabo (...)"

A substituição do artigo indefinido pelo artigo definido, no trecho transcrito, é coerente, porque:

- (A) no contexto apresentado, é indiferente o emprego do artigo, quer seja definido, quer seja indefinido.
- (B) o artigo "o", no caso, atualiza um item lexical, indicando identidade.
- (C) o artigo "o" introduz um novo elemento no discurso, ao contrário do artigo "um".
- (D) o artigo indefinido sempre indefine; já o artigo definido sempre define.
- (E) no caso em questão, o artigo "o" dá um novo valor semântico ao substantivo "estudo".

11 O texto está repleto de vocábulos classificados como "modalizações", ou seja, vocábulos que emitem uma opinião do autor do texto sobre o conteúdo veiculado. Não é modalizador (indicador modal ou de modalidade) o vocábulo assinalado na alternativa:

- (A) "O leitor está cansado de más notícias? Quer uma boa? Lá vai: **somos** gentis."
- (B) "Tais situações foram encenadas com **alto** grau de verossimilhança pelos voluntários encarregados do trabalho de campo."
- (C) "Os cariocas passaram **brilantemente** pelo triplo teste."
- (D) "Em 93% dos casos, tiveram **reação** positiva: ajudaram o cego a atravessar a rua, (...)"
- (E) "Em último lugar ficou Kuala Lumpur, capital da Malásia, com **apenas** 40% de reações positivas."

12 A preposição "com" exprime, fundamentalmente, a idéia de "associação", "companhia". Numa construção do tipo: "Concordo com você.", pelo fato de o idioma ter fixado a expressão "concordar com", a preposição fica quase esvaziada de conteúdo significativo, restringindo-se ao seu valor relacional. Diferentemente, numa construção como: "Viajei com Pedro.", a preposição mantém nítida idéia de associação, apresentando, portanto, valor nocional, além de relacional. A preposição **de** tem valor nocional significativo somente na alternativa:

- (A) "Os brasileiros, ou, pelo menos, entre os brasileiros, aqueles que nasceram ou vivem na cidade **do** Rio de Janeiro, (...)"
- (B) "Um estudo **de** pesquisadores americanos sobre o comportamento das pessoas na rua, (...)"
- (C) "(...) em face de alguém precisando **de** ajuda, em 23 cidades de 23 países diferentes, deu Rio de Janeiro na cabeça."
- (D) "Tinham **de** parar numa esquina e esperar que alguém os ajudasse."
- (E) "(...) que, se houvesse para valer uma lei do quanto-mais-pobre-mais-gentil, ganhariam **do** Rio — e não ganharam."

DIREITOS HUMANOS PARA OS HUMANOS DIREITOS.

13 Sobressai no conteúdo da placa a inversão "direitos humanos" - "humanos direitos". Levando em conta critérios de correção, clareza e coerência, o comentário a seguir que melhor explica os efeitos dessa inversão é:

- (A) A seqüência substantivo—adjetivo, verificada em "direitos humanos", é mantida em "humanos direitos", implicando mudança de sentido: as palavras "humanos" e "direitos", na segunda vez em que aparecem, têm o sentido alterado.
- (B) A seqüência substantivo—adjetivo, verificada em "direitos humanos", é invertida em "humanos direitos", pois "humanos", no primeiro caso, é adjetivo e, no segundo, passa a substantivo.
- (C) A mudança se restringe à ordem das palavras, porque, nas duas vezes em que aparecem, "direitos" é substantivo e "humanos" é adjetivo.
- (D) A mudança se restringe às classes gramaticais: em "direitos humanos", "direitos" é substantivo e "humanos", adjetivo; invertendo a ordem, "direitos" passou a ser adjetivo e "humanos" passou a ser substantivo.'
- (E) A inversão envolve mudança no nível de linguagem: em "direitos humanos" tem-se denotação; em "humanos direitos", conotação.

Texto VII

“A morte não é ruim, pois libera o homem de todos os males e junto com os bens lhe tira todos os desejos. A velhice é o mal supremo, pois priva o homem de todos os prazeres, deixando-lhe apenas os apetites, e traz consigo todas as dores. Não obstante, os homens temem a morte e desejam a velhice.”

(G. Leopardi)

14 Dizer: “A morte não é ruim...” não equivale exatamente a dizer que “a morte é boa”. A frase abaixo, em que a substituição da forma negativa pela positiva, com o emprego de antônimo, equivale exatamente em sentido a:

- (A) A comida não estava ruim. / A comida estava boa.
- (B) Lula não é um homem alto. / Lula é um homem baixo.
- (C) O povo brasileiro não é rico. / O povo brasileiro é pobre.
- (D) O livro não é grosso. / O livro é fino.
- (E) O ventilador não está parado. / O ventilador está em movimento.

15 O pronome “consigo” no texto VII, refere-se a:

- (A) prazeres.
- (B) homem.
- (C) apetite.
- (D) velhice.
- (E) dores.